



ALTERIDADE E DIFERENÇA NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES EM “AS MARIPOSAS DO LUXO”, DE JOÃO DO RIO

OTHERNESS AND DIFFERENCE IN THE CONSTITUTION OF IDENTITIES IN "AS MARIPOSAS DO LUXO", BY JOÃO DO RIO

Larissa Cristina Viana Lopes¹

Maria Edileuza da Costa²

Afrânio Gurgel de Lucena³

Resumo: Na sociedade líquido-moderna a identidade pode ser tida como fator de estratificação social, identidades são impostas a quem não tem acesso de escolher o que quer assumir. São, pois, as relações de alteridade na constituição identitária numa sociedade que não aceita as diferenças. Assim, fundamentados em Bauman (2005), Castel (2000) e Silva (2000), Sobral (2006) e Texeira (2006), analisamos o conto “As mariposas do luxo”, de João do Rio, e constatamos que as profissionais do sexo da narrativa são mulheres de baixa renda que tiveram o acesso à escolha de identidade negado, assumindo identidades que os outros lhes impuseram e tendo que conviver numa sociedade em que ser diferente implica sentir um olhar do outro que violenta a personalidade, a sobrevida de figuras femininas que têm o luxo como fantasia.

Palavras-chave: identidade, alteridade, diferença.

ABSTRACT: In this current liquid-modern society, identity can be taken as a factor of social stratification, identities are imposed on those who do not have access to choose what they want to take. Therefore, they are the relations of otherness in the constitution of identity in a society that accepts differences. Thus, based on Bauman (2005), Castel (2000) and Silva (2000), Sobral (2006) and Texeira (2006), we analyzed the short story "As Mariposas do Luxo", written by João do Rio and we found that the sex workers of the narrative are low-income women who had access to the choice of identity denied assuming that the other identities imposed on them and having to live in a society where being different means to feel a look of others that violent personality, survival of female figures who have the luxury as a fantasy.

Key-words: identity, otherness, difference.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e bolsista CAPES. E-mail: larissavianalopes@hotmail.com

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: edileuzacosta@ig.com.br

³ Mestrando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: franiolucena@hotmail.com

Introdução

Na compreensão de uma sociedade em que as identidades se oferecem como um leque, conforme Bauman (2005), e para muitos este leque é inacessível, ocorre a construção identitária dentro da alteridade (Sobral, 2006 e Faraco, 2008), pois são atribuídas e/ou impostas identidades aos que não conseguem as almejadas. Estes assumem, portanto, identificações que o olhar do outro lhes colocam. Considerando a sociedade de exclusão em que estamos organizados, como ressalta Castel (2000), uma identidade que não foi escolhida, mas imposta, implica ser diferente e receber as concepções de outros ao nosso respeito. Uma relação entre identidade e diferença dentro de um contexto social que não aceita esta última, resultando na aceitação que agride, enquanto ser humano, quem é vítima da exclusão.

Neste triângulo de identidade/alteridade/diferença, propomo-nos a fazer um estudo do conto “As mariposas do luxo”, de João do Rio, baseados nas proposições de identidade enquanto índice de divisão social na vida das personagens que protagonizam o conto. Analisaremos, pois, o perfil delas, profissionais do sexo, considerando as identidades impostas e o olhar do outro, no contexto de uma sociedade líquido-moderna que também exclui.

Este artigo, por conseguinte, está dividido em duas partes: na primeira, fazemos um percurso sobre a identidade da sociedade líquido-moderna como divisor de classes, a alteridade dentro das construções identitárias impostas e o meio social que não compreende as diferenças. Seguidamente, faremos a análise do conto supracitado nesta vertente de identidade, alteridade e diferença, entendendo o conto, assim como a literatura em geral, como reflexo das estruturas sociais.

Identidade E Alteridade Na Sociedade De Exclusão

A nossa inserção e organização numa sociedade líquido-moderna, expressão usada por Bauman (2005), indica que somos sujeitos deslocados, indivíduos flutuantes que nunca estão fixos ou se identificam inflexivelmente com algo. Nesta perspectiva, a sociedade se contextualiza com mudanças contínuas, visto que seus ajustes (como classe ou nacionalidade) sempre estão se modificando, logo, as identidades também são mutáveis.

Este contexto social se modela, então, convencionalmente. Isso aponta para a situação de estratificação da sociedade que resulta, em uma de suas faces, da divisão de classes. Tal estratificação se dá por causa da má distribuição de poder, renda e instrumentos de valor e prestígio aos membros da sociedade. Daí emana a desigualdade apontando para vários grupos que se diferenciam em costume, conduta e coordenação e, por isso, o nível de estratificação está intimamente ligado à condição de desigualdades e distinção de classes, ou seja, a hierarquia.

A hierarquia impregna na sociedade a desconsideração da heterogeneidade característica dos indivíduos, logo algumas práticas sociais estão cristalizadas acima da aceitação das diferenças, haja vista os que são intitulados “diferentes” estarem “fora” do que se denominaria “normalidade social”. É o que Castel (2000) coloca como sociedade de exclusão, isto é, uma contemporaneidade social que, alicerçada em produção e

competição, repele as pessoas do meio social, da circulação dos cidadãos, deixando-as à margem e restringindo seus acessos aos bens sociais.

Neste breve apanhado sobre a atual sociedade e a identidade, centremo-nos numa questão levantada por Bauman (2000) sobre a identidade como fator de estratificação social: há um leque de ofertas de grande abrangência à que estamos dispostos, contudo, o acesso tem suas restrições. As relações hierárquicas não permitem que todos escolham neste leque a identidade que desejam assumir, há os que tiveram negado o acesso à escolha de identidade e se encontram acanhados em identidades impostas por outros, das quais não têm como sair ou abandonar e, por isso, ficam invadidos por estereótipos que lhes conferem humanização, desumanização ou condenação. O autor argumenta que:

A maioria de nós paira desconfortavelmente entre esses dois pólos, sem jamais ter certeza do tempo de duração de nossa liberdade de escolher o que desejamos e rejeitar o que nos desagrade, ou se seremos capazes de manter a posição de que atualmente desfrutamos pelo tempo que julgamos satisfatório e desejável. Na maior parte do tempo, o prazer de selecionar uma identidade estimulante é corrompido pelo medo. Afinal, sabemos que, se os nossos esforços fracassarem por escassez de recursos ou falta de determinação, uma outra identidade, intrusa e indesejada, pode ser cravada sobre aquela que nós mesmos escolhemos e construímos. Max Frisch, escrevendo na Suíça [...] definiu a identidade como a *rejeição* daquilo que os outros desejam que você seja. [grifo do autor] (BAUMAN, 2005, p. 45)

Ter o leque de identidades diante de si e não poder optar pelo que se deseja ser é uma extremidade deste caminho identitário; na outra, podemos escolher à vontade o que desejamos assumir. Se não podemos escolher, outra identidade toma lugar, o que não queremos ocupa o espaço e acabamos por ser o que não foi escolhido e ansiado, trata-se do que os outros pensam e dizem sobre nós. Eis a concepção de identidade atrelada ao conceito de alteridade.

A alteridade pode ser uma constatação natural de um mundo diferente em que existe o outro, esse outro é nomeado e classificado a partir do que o eu possa dele representar. Silva (2000) explica alteridade a partir da derivação do latim *alter* (o outro ou alteres, do verbo *alterar*) que denota distinção, o outro é distinto, diferente. Nesta perspectiva, a identidade não deveria ser imposta a quem foi negado o leque de ofertas e, conseqüentemente, o direito de escolhas, pois, sendo os indivíduos distintos, não caberiam as práticas de exclusão marcadas no meio social em que os sujeitos estão submetidos à concepção do outro.

A alteridade consiste na relação pela qual existimos enquanto sujeitos: eu sou à proporção que me formo com relação ao outro, é a concepção que pressupõe a interdependência do homem social, ou seja, a sua ligação com os outros indivíduos e o modo de vê-lo, de ver o outro, visto que a existência do eu só ocorre mediante o contato com o outro.

Sobral (2008), apropriando-se da concepção Bakhtiniana de sujeito, afirma que a questão é a de conceber um sujeito que se situa numa camada de constituição de identidade subjetiva: o sujeito é um eu para-si e um eu para-o-outro, e são, pois, as relações de alteridade que condicionam uma identidade subjetiva no plano relacional res-

ponsável/responsivo, que lhe dá sentido: “Só me torno eu entre os outros *eus*. Mas o sujeito ainda que se defina a partir de outro, ao mesmo tempo o define, é o “outro” do outro: eis o não acabamento constitutivo do ser [...]” [grifo do autor] (idem, p. 22).

A alteridade na constituição das identidades leva em conta que estas flutuam no ar, algumas delas são caminhos que elegemos seguir, outras, atribuídas, para não dizer impostas, pelos outros, pelas pessoas que nos cercam. Sendo assim, as identidades “ganham curso livre” (BAUMAN, 2005, p. 35) e a cada sujeito compete agarrar aquela que lhe é agradável, utilizando-se de seus próprios meios. Caso estes não sejam suficientes, a identidade estimada não é obtida e acaba por se constituir através do que os outros vêem.

Há uma guerra pelo reconhecimento, segundo Bauman (2005), cujo desenvolvimento, individual ou coletivo, se dá em duas frentes: a identidade escolhida se contrapõe às identidades antigas; por outro lado, há os oprimidos por identidades que lhe foram lançadas por “forças inimigas” que rotulam e estigmatizam. Na atmosfera líquido-moderna, as identidades quicá sejam as encarnações da ambivalência por serem topo dos debates existenciais dos indivíduos situados nesta sociedade, nesta atmosfera.

A hierarquia do poder, ainda que em sua parte mais inferior, não comporta as pessoas das quais foram negado o acesso e/ou à escolha as identidades de suas preferências. O teórico afirma que elas estão situadas num lugar mais baixo, onde foram empurradas e onde não podem sair da atribuição conferida por imposição. É a denominada “subclasse” da qual não se aceitam ou sequer ouvem súplicas e protestos que objetivem a invalidação das identidades impostas, considerando que este espaço está longe dos alcances da sociedade em que há reivindicações, em que há legitimidade na conjuntura social.

Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada *a priori*. O significado da “identidade da subclasse” é a *ausência de identidade*, do “rosto” – esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas. [grifo do autor] (BAUMAN, 2005, p. 46)

Este grupo de pessoas, a subclasse, tem suas vidas situadas numa esfera marginalizada em que não há como afirmar o reconhecimento de um sujeito social. Isso significa dizer que as buscas sobre as identidades induzem às informações acerca não só de nós mesmos, mas do que os outros interpretam sobre nós. Seria, então, uma apropriação arbitrária do outro. A expulsão do meio social implica ausência do rosto, da identidade. Fazendo parte desse grupo, o anonimato parece tomar o espaço da identidade e carrega uma ausência dela que certamente não foi ambicionada.

Neste vertente, Texeira (2006) entende que o eixo eu/outro confere a uma vida entre as fronteiras de individualidade e auto-expressão de outros, visto que os sujeitos não são hipertrofiados na condição absoluta da expressão.

Na lógica da convivência dos opostos, a asseveração constitui uma cadeia de negações na qual a diferença é tida negativamente. A identidade está neste contexto

social de diferenças e os dois (diferença e sociedade) são partes da construção e expressão dos indivíduos, bem como da identificação. Porém, a hierarquização das identidades possui controvérsias, como permitir a preeminência de identidades sobre outras ou impondo identidades aos que não podem escolher o que desejam.

Em virtude da globalização capitalista, as sociedades estão embutidas num modelo de organização voltado à produtividade e competitividade, contudo muitos estão fora deste modelo porque esta globalização gera a sociedade de exclusão. Desta decorre uma violência resultante do cotejo com a alteridade ou ainda anuncia a influência e a subalternização que constituem as relações hierárquicas que, por sua vez, estabelecem a sociedade de classes. É uma violência cuja representação aparece quando brotam acareações dos mais agudos, possantes, fortes e a concentração do domínio e das posses com as resistências e as aspirações das classes mais frágeis.

Ocorre que existe uma internalização de princípios e idéias instituídos pela sociedade de maneira que muitos acabam absorvendo certos comportamentos como almejavéis, o que faz a integração do homem ao meio social. Deste modo, a difusão de paradigmas interdepende das estruturas sociais, a incorporação do sujeito a uma identidade maior que a individual.

Assim, identidade, sociedade e diferença estão intrinsecamente associados, o que deveria corroborar com fim do escólio que implica o outro como diferente (alteridade), na compreensão de que diferente não quer dizer desigual ou inferior, mas um aspecto que nos condiciona ao patrimônio das expressões humanas. Com estas proposições em mente, presumimos que a identidade indica os seres humanos em sua individualidade e em suas relações sociais, o que nos oportuniza buscar o conhecimento do lugar da sociedade líquido-moderna que o singular e o particular ocupam em sua totalidade.

Identidades impostas, o olhar do outro e diferença em “as mariposas do luxo”

Tendo em vista que a literatura é reflexo das ações sociais, ou mesmo sua representação, investigaremos a presença dos aspectos citados acima (identidade, alteridade e diferença numa sociedade de exclusão) no conto “As Mariposas do luxo”, de João do Rio.

Trata-se da história de “Professional beauties”, mulheres que vivem prestando serviço com o próprio corpo para sua sobrevivência, embora não gostem da profissão que não lhes dão conforto, melhor condição de vida nem alegria no que desempenham. Elas vivem numa sobrevida que almeja ostentações. Em toda a narrativa, o ponto comum e freqüente entre as personagens é o querer impossível por jóias e tecidos caros que observam em vitrines inacessíveis às classes mais pobres.

A primeira informação das duas personagens que nos são perpassadas já é da observação admirada delas a uma vitrine, uma montra em que desejam o que vêem:

-Olha, Maria...

-É verdade! Que bonito!

As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos ávidos, um vinco estranho nos lábios. (RIO, 1910, p. 62)

Inicialmente, destaquemos o nome: Maria. O mais comum entre as mulheres é, pois, o nome de uma profissional do sexo que tão simplesmente é identificada. Embora a identidade também se faça naquilo que utilizam para nomear tudo e todos, Maria não é um nome que chame qualquer atenção, pelo contrário, é o nome mais prosaico possível. Reparemos ainda nos olhos “ávidos” das personagens, implicando-nos apontar seus aspectos insaciáveis e avaros acerca do que querem, todavia, não podem possuir. As questões financeiras, neste caso, é o grande limite de posse delas.

Vejamos duas passagens que nos ilustram não apenas o desejo, mas o desejado.

Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bugigangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das *guipures*, das rendas. (RIO, 1910, p. 63)

[...]

Elas, coitaditas! passam todos os dias a essa hora indecisa, parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mistério a vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera. (RIO, 1910, p. 63)

Percebemos, inicialmente, que as personagens anseiam não apenas por jóias, mas por outros produtos considerados refinados. Isso pode ser notado, inclusive, pelos detalhes dados sobre a vitrine: “Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas [...]”, fazendo-nos entender que o próprio comércio anda longe da popularidade dos lugares mais humildes, onde provavelmente estas mulheres poderiam andar com liberdade e até adquirir o que esteja ao alcance delas.

No trecho seguinte, no qual são ironicamente denominadas de “coiaditas”, as figuras femininas são “pássaros assustados, tontos de luxo”, embriagadas ao verem tamanha riqueza embutida em produtos os quais elas anseiam e que estão além de suas realidades. O questionamento feito “Que lhes destina no seu mistério a vida cruel?” nos mostra que a vida enfrentada por elas não é fácil. É sádica. E o trabalho poderá dar em três caminhos: a perdição, tuberculose ou muitos filhos, provavelmente, sem pais, já que será um “alquebramento”, uma desesperança, pois trabalham numa atividade que, apenas num caso de sorte, poder-lhes-ia trazer dinheiro e luxo. Este sempre será uma fantasia, é desconhecido das possibilidades das personagens: “Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera”. Um luxo cuja vida se reproduz apenas no campo da utopia.

A grandeza é tão querida por elas por causa de uma rotina, é claro, cheia de mesmices e que reforça suas incoerências. Identifiquemos tais aspectos nos fragmentos

São mulheres. Apanham as migalhas da feira. São as anônimas, as fulanitas do gozo, que não gozam nunca. E então, todo dia, quando céu se rocalha de ouro e já andam os relógios pelas seis horas, haveis vê-las passar, algumas loiras, outras morenas, quase todas mestiças. A idade dá-lhes a elasticidade dos gestos, o jeito bonito do andar e essa beleza passageira que chamam -do diabo. Os vestidos são pobres: saias escuras sempre as mesmas; blusa de chitinha rala. Nos dias de chu-

va um parágua e a indefectível pelerine. Mas essa miséria é limpa, escovada. As botas brilham, a saia não tem uma poeira, as mãos foram cuidadas. Há nos lóbulos de algumas orelhas brincos simples, fechando as blusas lavadinhas, broches “montana”, donde escorre o fio de uma *chatelaine*. (RIO, 1910, p. 63)

[...]

Há mesmo anéis - correntinhas de ouro, pedras que custam barato; coralinas, lápis-lazúli, turquesas falsas. Quantos sacrifícios essa limpeza não representa? Quantas concessões não atestam, talvez, os modestos pechisbeques! (RIO, 1910, p. 64)

Mulheres. Pela primeira vez são assim denominadas no conto. Mas, seguidamente, são anônimas, fulanitas (para combinar com o “coitadita”) que proporcionam aos outros o prazer que procuram, contudo, elas não sentem prazer no que fazem, no lugar que ocupam na sociedade, nas ruas, na própria vida diante das questões do eu com o mundo. São percebidas como prestadoras de serviço, apenas. Anônimas. Aqui se compreende a paixão pelo luxo dessas mulheres: as vestes declaram suas misérias, os acessórios denunciam a pobreza que justifica o desejo diário de possuir o que não têm, o que a profissão não promete dar. Uma miséria limpa a qual custeava o seu dia-a-dia não apreciado nem por elas nem pela sociedade em que estão inseridas, como veremos mais adiante.

Os gestos elásticos e desenvoltos são trazidos pelos anos já vividos na mesma atividade. Entretanto, apesar da beleza “do diabo”, suas condições sociais de vida aparecem nesta mesma imagem, nas blusas pobres e nas “mesmas” saias, disfarçadas para ganhar o pão, para camuflar os desejos não atendidos acerca do luxo que inebria. Usam anéis e correntinhas baratas que são limpas com o sacrifício de conviver com a realidade de nunca possuir os produtos originais e caros e de saber que “Aquele luxo será sempre a sua quimera” num cotidiano que nunca muda:

Elas acordaram cedo, foram trabalhar. Voltam para o lar sem conforto, com todas as ardências e os desejos indomáveis dos vinte anos.

A rua não lhes apresenta só o amor, o namoro, o desvio... Apresenta-lhes o luxo. E cada montra é a hipnose e cada rayon de modas é o foco em torno do qual reviravoltaram e anseiam as pobres mariposas. (RIO, 1910, p. 64)

Acordar cedo para trabalhar acarreta entender que sequer existe um horário certo, o expediente não tem hora. A necessidade fala mais alto e talvez o desconforto de suas casas estimulem a saída cedo, a busca de mudança, do ganha pão que dá a esperança de algum dia poder comprar mais que um pão. É a vida de baixa renda, de baixa vida. E “os desejos indomáveis dos vinte anos” lhes instigam os quereres além das posses, a vontade pelo proibido das vitrines ao voltar para suas mesquinhagens, ao se depararem com a cobiça nunca saciada e tão constante. A rua, então, não é apenas o local de trabalho, é também o local onde estão face a face com a ostentação hipnótica.

Vejamos duas passagens que exemplificam mais um “face a face” das personagens com o esplendor alheio impossível:

São duas raparigas, ambas morenas. A mais alta alisa instintivamente os bandós, sem chapéu, apenas com pentes de ouro falso. A montra

reflete-lhe o perfil entre as plumas, as rendas de dentro; e enquanto a outra afunda o olhar nos veludos que realçam toda a espetacularização do luxo, enquanto a outra sofre aquela tortura de Tântalo, ela mira-se, afina com as duas mãos a cintura, parece pensar coisas graves. Chegam, porém, mais duas. A pobreza feminina não gosta dos flagrantes de curiosidade invejosa. (RIO, 1910, p. 64)

[...]

Param, passos adiante, em frente às enormes vitrinas de uma grande casa de modas. As montras estão todas de branco, de rosa, de azul; desdobram-se em sinfonias de cores suaves e claras, dessas cores que alegram a alma. E os tecidos são todos leves -irlandas, *guipures*, *pongées*, rendas. Duas bonecas de tamanho natural- as deusas do "*Chiffon*" nos altares da frivolidade - vestem com uma elegância sem par; uma de branco, *robe Empire*; outra de rosa, com um chapéu cuja pluma negra deve custar talvez duzentos mil réis.

Quanta coisa! quanta coisa rica! Elas vão para a casa acanhada jantar, aturar as rabugices dos velhos, despir a blusa de chita a mesma que hão de vestir amanhã... E estão tristes. São os pássaros sombrios no caminho das tentações. Morde-lhes a alma a grande vontade de possuir, de ter o esplendor que se lhes nega na polidez espelhante dos vidros. (RIO, 1910, p. 64)

Os dois primeiros trechos revelam que, insistentemente, o bel-prazer pelo luxo inalcançável é parte do perfil das personagens. O luxo, oferecido pelas ruas, pelas vitrines, é apenas visto por elas, olhado, apreciado, tão querido e tão distante de suas restrições. Elas param em frente às montras cujas cores "alegram a alma" e mostram a leveza e a beleza do luxo, da elegância além da necessidade, da extravagância pela posse que não tinham, pelos duzentos mil réis tão impossíveis quanto a vida de possuidoras desses produtos. Afinando a cintura com as mãos e parecendo pensar coisas graves são representações de um sentimento limitado e empurrado pra dentro, elas não podem explodir um luxo que não é delas. Vêem uma riqueza em forma de perdição, mas uma perdição em que o esforço para não cair nem existe, faltam recursos para se perderem em tanta "coisa rica".

A terceira passagem nos indica que quanto mais luxuosos são os produtos desejados pelas mulheres, maiores são as suas consciências de não poder ter, ficam acanhadas diante de tamanha riqueza. A consciência lhes lembrava do dever de tolerar velhos rabugentos para os quais entregavam o corpo em troca de migalhas que empregavam num falso luxo.

Como se não bastasse estar face a face e ao mesmo distante do aparato, as personagens também encontram outras profissionais como elas, porém, exercem profissão de forma a possuir o luxo. Leiamos:

Há outros pares gárrulos, alegres, doidivas, que riem, apontam, esticam o dedo, comentam alto, divertem-se, talvez mais felizes e sempre mais acompanhadas. O par alegre entontece diante de uma casa de flores, vendo as grandes *corbeilles*, o arranjo sutil das avencas, dos cravos, das angélicas, a graça ornamental dos copos de leite, o horror atraente das parasitas raras.

-Sessenta mil réis aquela cesta! Que caro! Não é para enterro, pois não?

-Aquilo é para as mesas. Olhe aquela florzinha. Só uma, por vinte mil réis.

-Você acha que compreem?

-Ora, para essa moças... os homens são malucos.

As duas raparigas alegres encontram-se com as duas tristes defronte de uma casa de objetos de luxo, porcelanas, tapeçarias. Nas montras, com as mesmas atitudes, as estátuas de bronze, de prata, de terracota, as cerâmicas de cores mais variadas repousam entre tapetes estranhos, tapetes nunca vistos, que parecem feitos de plumas de chapéu. Que engraçado! Como deve ser bom pôr os pés na maciez daquela plumagem! As quatro trocam idéias. (RIO, 1910, p. 64)

As mulheres tristes estão diante de uma realidade que talvez desejassem: que lhes dessem o luxo, que existissem homens malucos lhes propiciando seus desejos como acontece com as “professional beauties” alegres. Sessenta mil por uma sesta e vinte mil por uma única flor era realmente luxar, algo que a figuração feminina que protagoniza a narrativa não tinha como fazê-lo, não obstante quisesse avidamente: “Como deve ser bom pôr os pés na maciez daquela plumagem”! A imaginação toma força e por aqueles instantes os sonhos cobrem a cena e ao mesmo são impactados pela realidade cruel da pobreza limpa.

Além de não ter posses para se saciar, mulheres como aquelas, abstdidas de aparato, sentiam-se inferiores em muitas situações, não só por saberem que seus desejos se limitavam às suas condições, mas pelo comportamento dos outros a respeito delas. Façamos menção a um trecho em que outra profissional do sexo quer saber o preço de um tapete:

A mais pequena lembra perguntar ao caixeiro, muito importante, à porta. As outras tremem.

-Não vá dar uma resposta má...

-Que tem?

Hesita, sorri, indaga:

-O senhor faz favor de dizer... Aqueles tapetes?...

O caixeiro ergue os olhos irônicos.

-Bonitos, não é? São de cauda de avestruz. Foram precisos quarenta avestruzes para fazer o menor. A senhora deseja comprar?

Ela fica envergonhadíssima; as outras também. Todas riem tapando os lábios com o lenço, muito coradas e muito nervosas.

Comprar! Não ter dinheiro para aquele tapete extravagante parece-lhes ao mesmo tempo humilhante e engraçado.

-Não, senhor, foi só para saber. Desculpe... (RIO, 1910, p. 65)

Fica claro que a distância do luxo está também no tratamento que recebem atado por um julgamento aparente que humilha, agride, decepçiona, inferioriza, e, por que não, violenta. Este espaço degredado é ambientado e proporcionado pelo querer delas, limitado e muito transparente, como bem representam as demais passagens selecionadas:

Toda a atmosfera já tomou um tom de cinza escuro. [...] A rua vai de novo precipitar-se no delírio.

Elas fixam a atenção. Nenhuma das quatro pensa em sorrir. A jóia é a suprema tentação. A alma da mulher exterioriza-se irresistivelmente diante dos adereços. Os olhos cravam-se ansiosos, numa atenção comovida que guarda e quer conservar as minúcias mais insignificantes. A prudência das crianças pobres fá-las reservadas.
-Oh! Aquelas pedras negras!
-Três contos!
[...]
-Ah! Se eu pudesse comprar aquele!
-É só quarenta e cinco! E aquele relóginho, vê? de ouro...
[...] Toda a montra é um tesouro no brilho cegador e alucinante das pedrarias. (RIO, 1910, p. 65)

E mais uma vez a rua lhes traz o brilho da magnificência impossível, o “delírio” e a fantasia do ter, nos quais elas se imobilizam e sonham, tendo no desejo da jóia a exteriorização de suas almas, almas que ansiosamente esperam por uma oportunidade de ostentar, de sair um pouco de suas vidas miseráveis, baixas, pequenas, da atmosfera cinza escuro que sinaliza não somente a tristeza daquele momento sôfrego, mas reforça o cinza escuro de todos os dias, do que é somente quimera, alucinação. Ao saírem de frente às vitrines, seguem “caladas, sem comentários” (p. 66), caladas pelo impossível, pelo acesso inexistente.

As personagens do conto, presumimos, fazem da vitrine um escape. Uma fuga que, por momentos de ansiedade e avidez, fazem-nas fantasiar e sair de suas vidinhas medíocres, ralas, sem gozo, sem vida, são “mendigas do luxo, eternas fulanitas da vaidade, sempre com a ambição enganadora de poder gozar as jóias, as plumas, as rendas, as flores” (p. 66). Eternas fulanitas seria o mesmo que denominar novamente como anônimas, sem nome, sem rosto, sem identificação dentro de uma esfera digna da sociedade (mendigas).

Neste contexto, entendemos que a identidade da figuração feminina se constitui em torno do desejo pelo luxo ocasionado pela falta dele, de como tê-lo: “porque a sorte as fez mulheres e as fez pobres, porque a sorte não lhes dá, nesta vida de engano, senão a miragem do esplendor para perdê-las mais depressa.” (p. 66). Não há meios para o desfrute da grandeza e do esplendor. São identidades que querem, mas suas totalidades convencionais não permitem nem oportunizam a aquisição ou gozo do luxo.

As vitrines, ou montras, indicam, portanto, a fugacidade da vida da qual não se pode nem se tem como deixar, a subclasse de que fazem parte não permite. Estão localizadas na porção mais profunda da estratificação social e este leque de ofertas para assumir a identidade que quiserem, é-lhes negado. A identidade que assumem é a que lhe foram atribuídas pela falta de acesso a esta opção. São, pois, identidades que não foram preferenciais, foram saídas ou mesmo circunstâncias de não ter como se livrar ou abandonar esta vida, logo, esta identidade. É, enfim, uma agressão, ou violência, vinda da sociedade de exclusão, do confronto entre os fortes e as obstinações das subclases, marginalizadas, sem que tenham escolha de mudança.

Algumas Considerações

Estar organizado sob o parâmetro que rege uma sociedade pós-moderna, ou líquido moderna, acarreta encarar as identidades nunca imóveis, mas flutuantes, como um indicador também de divisão de classes, divisão esta que promulga diferença dentro desta sociedade que é excludente e propulsora de padrões os quais nem todos podem alcançar.

As mariposas do luxo se inserem neste contexto de alcance inacessível dos parâmetros que mobilizam os setores sociais. As duas profissionais do sexo são tão anônimas quanto seus nomes. Duas mulheres que ensartam numa sobrevida de agüentar todos os tipos de homem para se vestir, alimentar-se, ter uma casa, ainda que desconfortável, roupas ainda que representem uma miséria limpa, e turquesas falsas para enganar a miragem do luxo impossível. Estes fatores despertam nas personagens a vontade de ostentar sem que tenham ao menos uma migalha de luxo possível para elas. As vitrines, os tapetes, as plumas, as jóias são tão inacessíveis quanto uma identidade que queiram assumir.

Essas desejosas do fasto precisam conviver com as identidades atribuídas pelos outros que as cercam, precisam aturar a aceção porque vivem numa sociedade que exclui por não acolher as diferenças. Elas são constituídas, então, a partir da concepção dos outros sobre elas, por identidades ainda que por elas rejeitadas, mas imputadas, visto que não têm acesso ao leque oferecido para assumir a identidade que quiserem.

O conto de João do Rio, destarte, representa a vida de pessoas que são marginalizadas pela sociedade excludente, de pessoas sem rosto, profissionais do sexo que vivem no anonimato não porque querem, no entanto porque não têm opção de desfazer a diferença com que são olhadas e agredidas por esta sociedade.

Referências

- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005
- CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: BELFIORE-WANDERLEY, Mariângela. et all. **Desigualdade e a questão social**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.
- _____. As Transformações da Questão Social. In: BELFIORE-WANDERLEY, Mariângela. et all. **Desigualdade e a Questão Social**. 2.ed. São Paulo: EDUC, 2000.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Nova edição. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.
- TEIXEIRA, M. O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (org.) **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Recebido: 22/04/2011

Aprovado: 27/07/2011